

O DISCURSO TRÁGICO DA PSICANÁLISE DIANTE DO MAL-ESTAR CONTEMPORÂNEO

Gabriel Crespo Soares Elias¹

RESUMO: Na segunda fase do trabalho freudiano, após a descoberta das pulsões de morte, e com a intensificação de seus diálogos com a cultura e a filosofia, o curso da teoria psicanalítica nos leva a uma leitura trágica da condição humana, na qual é revelado o homem em sua situação real de desamparo diante do conflito pulsional que é inerente à existência. O conhecimento do trágico indica a necessidade de uma postura ética para lidar com o sofrimento que o sujeito apresenta na clínica e na vida cotidiana. O presente artigo se propõe apresentar e discutir a atualidade e relevância do discurso trágico da psicanálise diante das propostas atuais em psicoterapia e discursos sobre a dor que prevalecem na sociedade pós-moderna.

PALAVRAS-CHAVE: psicanálise; ética trágica; desamparo; mal-estar; pós-modernidade.

THE TRAGIC DISCOURSE OF PSYCHOANALYSIS IN THE FACE OF CONTEMPORARY DISCONTENT

ABSTRACT: In the second moment of Freudian work, after the discovery of the death drives, and with the intensification of his dialogues with culture and philosophy, the course of psychoanalytic theory leads us to a tragic reading of the human condition in which man is revealed in their real situation of helplessness in the face of the drive conflict that is inherent in existence. The knowledge of the tragic indicates the need for an ethical stance to deal with the suffering that the subject presents in the clinic and in everyday life. The present article proposes to present and discuss the relevance of the tragic discourse of psychoanalysis in the face of current proposals in psychotherapy and discourses on pain that prevail in postmodern society.

KEYWORDS: Psychoanalysis; tragic ethics; helplessness; discontent; postmodernity.

1 Graduação em Psicologia pela UFF-Universidade Federal Fluminense gabrielcrespo@id.uff.br

Introdução

Considerando que a intenção da psicanálise, desde os primeiros movimentos de seu criador, sempre foi a de colaborar de algum modo positivo para o viver do sujeito, o curso da teoria freudiana nos levou a uma reflexão existencial que se propõe a trabalhar com o sofrimento e o desamparo como inseparáveis da experiência humana, compondo um quadro trágico da vida ao qual o homem não consegue se eximir. Tomamos o termo trágico em seu sentido filosófico, que é fruto do desencantamento moderno com o mundo, uma influência dos trabalhos de Schopenhauer e Nietzsche, principalmente, última de elaboração da obra freudiana. A clínica freudiana, portanto, pode ser considerada a clínica com o trágico, já que seu discurso se alinha aos dos autores trágicos de seu tempo.

O texto que se segue apresentará estas perspectivas trágicas acerca da dor e do sentido do sofrimento na vida presentes no discurso psicanalítico como um contraponto valioso frente aos discursos e tratamentos conferidos à dor na atualidade. Sendo assim, discorreremos sobre os conceitos de conflito pulsional e mal-estar em Freud e as dialogaremos com as leituras de outros autores contemporâneos (tais como o sociólogo Bauman e o psicanalista Joel Birman) sobre o domínio da sensação de insegurança como nova forma de mal-estar gerada na sociedade pós-moderna.

Por fim tomaremos a sabedoria trágica presente na filosofia de Nietzsche e a leitura que a psicanalista Isabel Fortes faz sobre a dor psíquica como dois norteadores que reconhecem a potência na experiência da dor e que se apresentam como recurso valioso para um olhar clínico e crítico sobre a dor e a cultura de agora para além de uma visão pessimista sobre a vida e também além do discurso da felicidade presente na cultura de agora.

Uma análise além do princípio de prazer

Durante a primeira fase do desenvolvimento da teoria psicanalítica, o princípio de prazer foi considerado o protagonista da vida mental e do comportamento humano de modo a fazê-lo buscar as tensões que causaram sensações de prazer e a evitar as que causaram desprazer. Associado à pulsão sexual, o princípio de prazer cumpre a função de garantir a continuidade da vida da espécie. À medida que a teoria avançava e seu criador buscava compreender os fenômenos que aparentemente fugiam à governança exclusiva deste princípio, o conceito de pulsão sofreu uma

nova postulação que implicou diretamente na mudança da leitura da psicanálise sobre a existência humana.

Em 1920 Sigmund Freud publicou *Além do princípio de prazer* em que discutia suas novas descobertas acerca da vida psíquica. Descobriu uma característica fundamental da pulsão, sua natureza conservadora, que diz que o estado atingido pelo organismo gera imediatamente uma tendência ao reestabelecimento deste estado, independente dele ter sido ou não satisfatório.

Partindo da ideia de que as coisas vivas surgiram posteriormente ao estado inorgânico, Freud aponta que há uma tendência do que é vivo a retornar a este estado original. Essa tendência, que ele chamou de pulsões de morte, seria governada por um princípio anterior e independente ao do prazer. O princípio do Nirvana (1920/1996, p.64) seria o responsável por forçar o aparelho mental a buscar o nível zero de excitação, ou seja, pelo desligamento total das tensões, o aparelho mental atingiria um estado de nenhuma perturbação, o que, em última análise, seria análogo ao estado de morte.

Se na primeira teoria pulsional considerava-se o contraste entre as pulsões do ego (autoconservadoras) e as pulsões objetais (reprodutoras), nesta segunda teoria elas foram agrupadas sob o título de pulsões de vida, pois ambas cumprem com o propósito de levar a vida adiante. O conflito entre pulsões de vida e pulsões de morte possibilitou a psicanálise entender como o aparelho psíquico funciona em sua totalidade: sob a regência do princípio do prazer, as pulsões de vida aumentam a carga de estímulos, e sob a regência do Nirvana, as pulsões de morte trabalham para a redução.

O pai da psicanálise pressupõe ainda que estes princípios fundamentais não explicam apenas a mente, mas também toda a vida orgânica. Em *Análise terminável e interminável* (1937/1996), Freud reconheceu a semelhança entre o par de pulsões que ele havia encontrado no curso de seu trabalho científico com a "fantasia cósmica" de Empédocles de Agrigento. O pensador grego dizia que, desde o início da vida, Amor e discórdia estão em guerra, ora prevalecendo um, ora o outro.

Os dois princípios fundamentais de Empédocles – *philia* e *neikos* – são tanto em nome quanto em função, os mesmos que nossos dois instintos primários, Eros e destrutividade, dos quais o primeiro se esforça por combinar o que existe em unidades cada vez maiores, ao passo que o segundo se esforça por dissolver essas combinações e destruir as estruturas a que elas deram origem (Freud, 1937/1996, p.259-260).

O objetivo de Eros seria aglomerar os elementos da natureza em unidades cada vez maiores e preservá-las, enquanto a discórdia desfaria estas conexões, destruindo-as. Ou seja, enquanto as

pulsões de vida operam pela fusão das unidades vivas, as pulsões de morte operam pela sua defusão. O psicanalista J.-D. Nasio (1995, p.44) nos oferece uma versão resumida desta descoberta:

“As pulsões de vida tendem a investir tudo libidinalmente e a manter a coesão das partes da substância viva. Em contrapartida, as pulsões de morte visam ao desligamento, ao desprendimento da libido dos objetos e ao retorno inelutável do ser vivo à tensão zero, ao estado inorgânico.”

Ou seja, mesmo sem qualquer relação passada ou possível (futura) com o prazer eles ainda assim os registros psíquicos repetidos na forma de uma compulsão à repetição, levando muitas vezes o sujeito a um processo de autodestruição ou conservação do sofrimento que evidencia a atuação de pulsões contrárias às de vida.

Apesar das controvérsias científicas e implicações filosóficas que estas hipóteses levantam, Freud as fundamentou a partir da sua observação clínica. Tomou como exemplo o caso das “neuroses de guerra” (1920/1996, p.22), em que os pacientes relatam sonhos repetidos em que trazem à tona a mesma sensação de angústia do momento passado em que o acidente traumático ocorreu.

Também notou a atuação da pulsão de morte naquilo que Freud chamou de reação terapêutica negativa (1920/1996, p.31), que é quando os pacientes em análise, ao se aproximarem do fim de um processo de padecimento psíquico, interrompem o processo terapêutico ou causam situações que inviabilizam o processo de transferência.

O dualismo pulsional permitiu a psicanálise interpretar e explicar outra quantidade de fenômenos que a teoria anterior não possibilitava. Ao incorporar o registro da dor, da angústia, da morte e do sofrimento como sendo inseparáveis da condição humana, o discurso freudiano assumiu um tom cada vez mais filosófico e trágico.

No desenvolvimento final de seu trabalho, Freud reconhece que não é possível alterar o contexto fundamental da vida – o conflito entre Eros e morte. Sofrimento e alegria inerentes da condição humana, ora o homem tende mais para um lado ora para outro, e diante desta realidade ele se revela em seu estado original de desamparo. A tarefa terapêutica da psicanálise não consistiria mais em buscar a cura de doenças, mas sim em descobrir formas de ajudar o ser humano a conviver com a realidade.

Após a publicação de *Além do princípio de prazer*, o interesse do autor em entender as origens aparentemente irracionais da destrutividade e agressividade no homem ampliou a análise do

indivíduo para o estudo da cultura, de como as regras e códigos da sociedade se relacionam com a sensação de desamparo no homem.

Mais à frente, traremos para dialogar neste trabalho dois filósofos que vão ao encontro desta análise para além do domínio do prazer e que nos ajudarão no entendimento destas perspectivas trágicas no pensamento psicanalítico. Por agora procuramos traçar o caminho que levou o desenvolvimento do trabalho sobre o mal-estar na cultura a fim de pensar nos desafios que o sujeito contemporâneo e a clínica psicanalítica com suas perspectivas trágicas encontram nos nossos dias.

As dores do homem na pós-modernidade

Depois desta “virada” na teoria psicanalítica, surgem então os chamados “textos culturais de Freud”. Nestes trabalhos, ele se coloca entre os autores críticos da modernidade (se tornando um dos mais importantes e influentes do século XX), inspirando diálogos em múltiplos campos do conhecimento e ensejando os psicanalistas a analisarem a cultura e a produzirem um diagnóstico dela concomitante ao diagnóstico clínico do sujeito.

Dentre seus escritos sobre a cultura, destaca-se o livro de 1930 chamado *O Mal-estar na civilização*, em que o autor apresenta a tragédia a que todos nós animais civilizados estamos “condenados”: a infelicidade de viver em uma cultura que só foi possível através da privação total ou parcial de dois movimentos do mais profundo e primitivo interesse humano, a agressividade e o erotismo.

Nas palavras de Freud: “Se a civilização impõe sacrifícios tão grandes, não apenas à sexualidade do homem, mas também à sua agressividade, podemos compreender melhor porque lhe é difícil ser feliz nessa civilização” (1930/1996, p.121). As renúncias instintivas que o homem faz para viver em sociedade produz uma sensação de desconforto que é inevitável.

Contudo, as constantes reconfigurações do mundo pós-moderno e as novas exigências que ela faz ao homem fez com que o mal-estar tomasse uma nova forma, o que tem preocupado pensadores de várias áreas do interesse humano.

O sociólogo Zygmunt Bauman, por exemplo, na sua releitura do mal-estar de Freud – *O mal-estar da pós-modernidade* (1998, p.32) – mostrou que o aumento da sensação de insegurança acompanhou a passagem da sociedade moderna para a pós-moderna:

“O sentimento dominante, agora, é a sensação de um novo tipo de incerteza, não limitada à própria sorte e aos dons de uma pessoa, mas igualmente a respeito da futura configuração

do mundo, a maneira correta de viver nele e os critérios pelos quais julgar os acertos e erros da maneira de viver.”

Segundo Bauman, o homem moderno (a quem Freud se referia) trabalhava para construir um projeto de vida, garantir segurança e estabilidade, enquanto o pós-moderno abriu mão desta segurança pelas promessas de felicidade (1998, p.7-11).

Para o autor, houve apenas uma inversão de pesos e medidas, pois se o homem na sociedade de outrora reclamava da privação de liberdade, o homem da pós-modernidade reclama pela falta de segurança e sentido de vida diante de um mundo que lhe oferece um amplo leque de possibilidades, mas também de incertezas. As instabilidades sociais, posições evanescentes e poucas garantias na pós-modernidade exigem que o sujeito tenha que dar conta não apenas com seu desamparo original, mas também com a nova sensação de insegurança e medo resultantes do momento de agora (BAUMAN, 1998, p.35).

Dentre os psicanalistas que vão reler o mal-estar e o sofrimento psíquico em nossos tempos, Joel Birman em seu texto *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação* (2001) analisa a passagem da cultura tradicional para a moderna e as modificações que esta operou na constituição do sujeito e discute o papel e os desafios da clínica psicanalítica ante as novas exigências.

O autor também aponta que o aumento das incertezas na sociedade atual está diretamente relacionado com o novo panorama de mal-estar que, conforme constata em sua experiência clínica, se dá através do aumento da ansiedade, queixas sobre vazio existencial, domínio do pânico, propensão à depressão, efeitos nocivos do consumo excessivo de medicamentos, entre outros males que acompanham os novos paliativos ao mal-estar.

(...) a modernização do social impõe novas exigências para a subjetividade. Esta deve ser permanentemente remodelada em consequência dos processos de transformação contínua da ordem social, que se realizam de maneira intensiva e extensiva. (...) Incrementa-se, dessa maneira, muito o potencial de incerteza do sujeito, já que este passa a ser exposto a maiores opções e escolhas. A insegurança e a angústia se multiplicam, como consequência. (...) Enfim, o sujeito passa a se inscrever num mundo que lhe abre muitas possibilidades, mas que também lhe aponta muitas impossibilidades existenciais. (BIRMAN, 2001, p.78-79)

Como resposta à demanda crescente de trabalho clínico, novas modalidades de tratamento e psicoterapia passaram a ser inventadas para lidar com o mal-estar e suas novas expressões. O autor aponta que, nas últimas décadas, com o aumento expressivo das neurociências, da psicofarmacologia, e das terapias cognitivas (soma-se a estes os serviços de coaching) houve uma

queda pela procura da psicanálise. Segundo Birman, uma das razões para isso foi que “a grande descoberta freudiana”, a importância da corporeidade no indivíduo, foi silenciada (2001, p.87-93).

O conceito de pulsão para Freud consiste no representante psíquico do que se ‘registra no corpo’, situando-se na fronteira entre o somático e o psíquico (FREUD, 1915/1996, p.127), o que de certa forma é um desvio da tradição dualista da filosofia e ciência modernas, que tem em Descartes seu representante máximo, que considera a mente como estando num plano separado do corpo. Os herdeiros da psicanálise, os pós-freudianos, ao se aproximarem da abstração filosófica em alguns casos e da metafísica da linguagem em outros, distanciaram-se da noção de corporeidade, que é aonde se registra o mal-estar contemporâneo.

(...) se essas terapias prosperaram tanto nas últimas décadas, isso se deve ao fato de que a psicanálise se esqueceu de que o sujeito se inscreve num corpo. Quando a psicanálise se platonizou, a corporeidade do sujeito foi lançada na lata do lixo. Portanto, se essa dimensão da subjetividade foi deixada de lado pela psicanálise, os pacientes foram buscar outras práticas que pudessem escutar seu corpo e dar lugar a este. (BIRMAN, 2001, p.90)

Estas novas propostas de psicoterapia e tratamento da dor, apesar de darem espaço ao corpo, assumem outra forma de relação com ele, através do discurso da negação da dor (controle, diminuição e extinção), como se esta experiência não devesse fazer parte da vida.

Na tentativa de eliminar as aflições existenciais que acompanham o homem ao longo de toda a sua história, este discurso apenas alienou o homem de sua real condição, tornando cada vez mais insuportável para ele a experiência do sofrimento. O uso excessivo de medicamentos para as dores existenciais ilustra este quadro: “Graças à mágica desempenhada pelos psicofármacos, as individualidades suportam cada vez menos sofrimento psíquico e recorrem à medicamentação em uma escala sem precedentes” (ROSA e WINOGRAD, 2011, p.43).

Sabendo que parte da responsabilidade pelo avanço dessas novas técnicas e terapias a despeito da psicanálise pesa na conta da própria psicanálise, é preciso então ficar atentos para que não se perca do nosso horizonte clínico a precariedade do homem, pois é justamente na escuta do corpo que o homem é atendido tal como ele se apresenta na vida e é evidenciado pela análise – em sua finitude, desamparo e mal-estar.

Observamos na clínica que, quando os indivíduos conseguem dimensionar a sua trágica condição, é comum que eles nos convidem a pensar sobre o sentido do sofrimento na vida. Escuta-se então: “há algum sentido na vida?”, “porque sofremos tanto?”, “porque a vida é assim?”, “quando é que tudo isso vai parar”, “e agora, o que vou fazer?”. De certo às vezes nós somos envolvidos em

questões que podem estar para além do nosso alcance, e nem sempre teremos condições de responder a essa demanda.

Mas se nos permitimos refletir sobre a teoria psicanalítica, seu rico material psicológico e filosófico, podemos pensar que uma possível resposta sobre isso seria: fazer com que o sujeito, ao se debruçar sobre as suas dores existenciais, se coloque num movimento consoante ao da estruturação do seu aparelho mental, ou seja, renove seus esquemas de defesa, construindo sua forma própria de viver (FORTES, 2012, p.191). A clínica deveria ser o ambiente facilitador deste processo de constante renovação, reelaboração dos esquemas psíquicos, como resultado das reflexões suscitadas pelo processo de sofrimento.

Compreender claramente as perspectivas trágicas, e reafirmar a importância dessa ética para o trabalho psicanalítico, faz parte do que é necessário para ajudar o sujeito a lidar com suas problemáticas diante da nova forma de mal-estar que se revela na sociedade atual. Agora iremos trabalhar a questão do sentido do desamparo e do sofrimento através dos diálogos entre a leitura trágica de Freud com as filosofias que influenciaram o pensamento psicanalítico a fim de encontrar aquela que melhor se adéqua ao propósito clínico.

Psicanálise e a tragédia humana

Baseado nos diálogos com Freud, Bauman e Birman, o diagnóstico psicanalítico da vida na atualidade consiste em três considerações fundamentais: 1) existe um conflito pulsional que coloca o humano em constante desamparo, 2) há mal-estar (desconforto) de se viver na civilização pela privação da livre vontade humana e 3) a nova forma de mal-estar se apresenta pelo aumento da sensação de insegurança e instabilidade. Este diagnóstico demonstra a condição trágica do homem.

Tomemos a tragédia no seu sentido clássico, que remete às antigas manifestações do teatro grego em que os heróis entre deuses e outros seres se relacionavam de forma confusa e caótica, mas que depois de tantas aventuras e esforços na luta contra o sofrimento, algum evento (mesmo aquele aparentemente "sem sentido") vinha pôr fim ao ato. Assim também é a vida humana sob a análise trágica: as cortinas se abrem para nós e em algum momento da nossa apresentação elas se fecham. Filosoficamente falando, o homem está "fadado" a assumir um papel nesta tragédia.

Cabe salientar que a própria técnica psicanalítica não é voltada para o reestabelecimento de uma ordem que supostamente já existiu. Não! A técnica psicanalítica é voltada para lidar com o sofrimento advindo da perda de um objeto amado. Que seria da psicanálise (e do ser humano!) sem

a tragédia edipiana de sempre haver uma lacuna dentro de nós, a sensação de que algo nos foi retirado? O processo de amadurecimento exigiu de nós o afastamento cada vez maior da segurança do colo da mãe e uma simultânea resposta às incertezas e exigências da vida de gente grande. O desamparo, a sensação de estar vivendo como se estivesse sempre nos faltando algo, é o fio condutor da nossa existência e, portanto, a matéria-prima do trabalho analítico.

Reconhecendo o alinhamento entre os trabalho final de Freud com a filosofia trágica, permitimo-nos trazer para este diálogo o pensamento de Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche, haja vista a influência destes dois autores no pensamento de Freud sobre o sentido dor. Nas palavras de Joel Birman:

(...) o estilo de pensamento presente no discurso freudiano, no que concerne a sua problematização da dor, se inscrevia numa genealogia filosófica, constituída no século XIX, que teve em Sade, Schopenhauer e Nietzsche as suas formulações teóricas cruciais. Em todos esses a leitura trágica do sujeito foi também colocada em evidência, de forma que foi nesta tradição teórica que se constituiu o discurso freudiano. (2012, p.20)

Em Schopenhauer, na tragédia da vida, o homem ocupa uma posição passiva, onde a ele cabe apenas liquidar ou “abafar” sua vontade de viver para evitar uma vida com maior sofrimento. Ou seja, cabe “aceitar” o que lhe acontece e buscar apenas uma mansidão sábia que por si só seria honrosa (pelo fato de não causar perturbações semelhantes às sentidas pelos ávidos da vida). A vontade de viver, as vicissitudes do querer, condena o homem ao sofrimento – a regra é clara – “Querer é essencialmente sofrer, e como o viver é querer, toda a existência é essencialmente dor” (SCHOPENHAUER, 1850/2014, p.39).

No pessimismo schopenhaueriano de nada adiantaria viver acreditando em um ilusório estado de felicidade ou na a ideia de que a vida está caminhando para um momento melhor no futuro. Essas ilusões não nos pouparão de ser consumidos impiedosamente pela morte, assim como não nos protegerão das aflições enquanto vivermos. Nesta filosofia, a morte tanto é irracional quanto é uma prova de que a vida não tem sentido algum senão condenar o homem a uma sucessão de dores até que chegue seu trágico fim.

A vida do homem não é mais do que uma luta pela existência com a certeza de ser vencida... A vida é uma caçada incessante onde, ora como caçadores, ora como caça, os entes disputam entre si os restos de uma horrível carnificina; uma história natural da dor que se resume assim: querer sem motivo, sofrer sempre, lutar sempre, depois morrer e assim sucessivamente, pelos séculos dos séculos, até que o nosso planeta se faça em bocados. (SCHOPENHAUER, 1850/2014, p.39)

Assim como Schopenhauer, Freud se mostra convencido de que “o objetivo de toda vida é a morte”, e que essa vontade de viver que em termos psicanalíticos se traduz como pulsão de vida,

nada mais é do que uma guardiã que protege o sujeito dos perigos exteriores para que ele seja oferecido mais adiante para a morte que seu próprio organismo lhe prepara:

Trata-se de instintos componentes cuja função é garantir que o organismo seguirá seu próprio caminho para a morte, e afastar todos os modos possíveis de retornar à existência inorgânica que não sejam os imanentes ao próprio organismo. (...) O que nos resta é o fato de que o organismo deseja morrer apenas do seu próprio modo. Assim, originalmente, esses guardiões da vida eram também os lacaios da morte. (FREUD, 1920/1996, p.49)

A influência do pensamento oriental do budismo e do vedantismo no trabalho de Schopenhauer (que foi o responsável por inseri-los na filosofia ocidental) o levou a propor que essa movimentação toda para vencer o sofrimento e sustentar a vontade de viver é completamente inútil e que seria no desejado silêncio do vazio, na libertação das tensões da vida, na “busca pelo estado do nirvana” que o homem deveria concentrar seus esforços. “Pode ainda se considerar a nossa vida como um episódio que perturba inutilmente a beatitude e o repouso do nada” (SCHOPENHAUER, 1850/2014, p.27). Aqui encontramos o gérmen da noção de pulsão de morte e princípio do nirvana em Freud, que diz que há algo no homem que o impulsiona a buscar essa paz do nirvana, esse “silêncio dos cemitérios”.

Dada a convergência entre seu trabalho e o do filósofo alemão, Freud não deixa esse fato passar despercebido em *Além do princípio de prazer*:

“Inadvertidamente voltamos nosso curso para a baía da filosofia de Schopenhauer. Para ele, a morte é o verdadeiro resultado e, até esse ponto, o propósito da vida, ao passo que o instinto sexual é a corporificação da vontade de viver.” (FREUD, 1920/1996, p. 58)

Apesar de servir de esclarecimento sobre o desamparo do homem a leitura e o diálogo entre a filosofia de Schopenhauer e a psicanálise, a tragédia segundo essa óptica segue o curso do niilismo negativo, ou seja, de um desencantamento com a vida que nos leva a um estado de “não fazer nada”: que pouco pode servir de recurso clínico. Para pensar a clínica precisamos ir para além desse pessimismo contemplativo e passivo do velho filósofo da vontade a fim de que a tarefa terapêutica não seja prejudicada por uma inação diante da dor.

Por sua vez, na filosofia de Nietzsche, encontramos uma concepção trágica que é bem diferente da de Schopenhauer. Esta concepção convida o homem a ocupar uma posição ativa (afirmativa) diante da dor, em que este deve romper com as algemas estabelecidas pela tradição do pensamento metafísico a fim de se apropriar da sua vontade de potência, descobrindo alegria e coragem de viver na tragédia humana.

Foi nos gregos influenciados pelo seu teatro trágico, nos pensadores pré-socráticos, em quem Nietzsche se inspirou para iniciar sua crítica radical a toda a tradição de pensamento histórico-filosófico dominante na cultura ocidental. Em *A filosofia na era trágica dos gregos* (1873/2008) o filósofo argumenta que as forças que regem a vida do homem foram apenas pensadas pelos pré-socráticos e dentre eles, destacou Heráclito, que compreendia a origem da vida como uma constante mudança (devir) advinda da eterna luta entre os opostos (p.55-61). A corrente filosófica que prevaleceu, contudo, foi a de Sócrates e Platão que contaminou o pensamento humano com a metafísica, que distanciou o homem da sua única realidade, retirou-lhe seu movimento, ao pregar a busca por uma verdade para além deste mundo. Para ele, a metafísica foi a responsável por associar a dor a um mal.

A sabedoria para Nietzsche seria, ao invés de procurarmos nos mundos imaginários do pensamento metafísico (ou nos céus da religião) o amparo e o consolo que não existe, o homem deveria voltar seus olhos para a terra, para aquilo que ele possui. Na exortação de Zaratustra: “Suplico-vos, meus irmãos, permaneçei fiéis à terra e não creiais naqueles que vos falam de esperanças supraterras! São envenenadores, quer saibam disso ou não” (1883/2015, p.28). Permanecendo fiel à realidade, ao trágico, o homem consegue se desvencilhar das culpas desnecessárias e idealizações ilusórias, que lhe retiram sua potência de viver.

Essa sabedoria trágica consiste em reconhecer a alegria de se movimentar e se transformar diante do que lhe acontece. Ou seja, se a vida for um sofrimento, cabe ao homem aprender a “dançar com ela” – aproveitando mais uma alegoria do Zaratustra! (1883/2015, p.59) Sendo assim, lançando outra luz sobre a trágica condição humana, a filosofia de Nietzsche vai de encontro com os propósitos clínicos da psicanálise.

A psicanalista Isabel Fortes autora de *A dor psíquica* (2012) fez um diálogo inovador entre o sofrimento como forjador do aparelho psíquico em Freud e a noção da vontade de potência em Nietzsche, a fim de propor uma clínica que esteja em consonância com a esta noção trágica. Ela descreve uma relação ética entre psicanálise e tragédia, onde a dor é interpretada positivamente sendo considerada a “via por excelência” da transformação do sujeito.

Longe de fazer uma apologia à dor, de fixar-se na dor, o trágico busca transmutar a dor em alegria, propondo uma cultura jubilosa no debruçar-se sobre a dor de existir. (...) A visão trágica mostra que a dor não é sinônimo de tristeza, pois pode haver alegria na dor. (FORTES, 2012, p.191-192)

A dor não está necessariamente vinculada à paralisação do sujeito. À medida que o sofrimento provoca reações no homem, podemos considerá-lo como um convite da vida ao movimento e, portanto, à possibilidade de reinvenção! Para além da visão mortificante que predomina o discurso na atualidade, a dor possibilita ao sujeito modificar seu eu e encontrar a alegria na criação do novo, na busca por outras de viver que ainda não haviam sido exploradas.

Para Fortes é preciso que o trabalho clínico seja encorajador deste processo de fortalecimento pelas experiências da dor, o que nos faz lembrar o aforismo nietzschiano em *Crepúsculo dos ídolos*: “da escola da guerra da vida. – o que não me mata me fortalece” (1888/2014, p.10).

Ao invés de nutrir a ilusão da extinção do desamparo, ao experimentar o sofrimento, o homem aprende a lidar com as incertezas que caracterizam a vida. Em sentido poético, ele aprende a “dançar”, viver alegremente, na sua condição. Retomar esta perspectiva, que era tão comum entre os gregos da era trágica, pode ajudar o homem a lidar com a tarefa nada fácil de viver.

A ética trágica na pós-modernidade

Ética trágica para a psicanálise significa manter-se fiel à realidade do ser humano, a fim de que não se ofereça, como muitas abordagens atuais em psicologia, a substituição de uma ilusão por outra.

O próprio fato de Birman lembrar que “não se pretende a cura das doenças com a psicanálise” (2001, p.95) ilustra a inseparabilidade que a clínica deve manter com a perspectiva do trágico. Se prometer a cura de doenças pela psicanálise a coloca sob olhares de desconfiança tanto por quem está de fora quanto para quem está dentro da discussão psicanalítica, que podemos pensar sobre a promessa de vida segura e feliz partindo da psicanálise?

Na sociedade pós-moderna, onde predomina o discurso da excelência, da vida bem sucedida, em que crença atual é de que a felicidade pode ser atingida pelo esforço do indivíduo, pela fama e pelo dinheiro, “resta pouco espaço para as experiências da perda, do sofrimento ou da infelicidade” (CLACK, 2015, p.181).

Parece que trabalhar a psicanálise com sua ética trágica se revela como um contraponto valioso diante das formas populares de psicoterapia e autoajuda que corroboram com esta

'obrigação de ser feliz' e, conseqüentemente, com as mais pesadas exigências que recaem sobre o sujeito que tem de lidar com essa nova sensação de mal-estar.

Uma das tendências da pós-modernidade é desvalorizar tudo aquilo que não vai de encontro com o ideal do gozo, o hedonismo é uma das características mais marcantes da sociedade de agora (FORTES, 2012, p.35-36). Nela percebe-se que há uma busca demasiada pela obtenção de prazer, a qualquer custo e acima de todas as coisas. O que pouco se percebe, porém, é que com isso se constrói uma sociedade que favorece a sensação de frustração e insatisfação (CLACK, 2015, p.181), haja vista que o hedonismo contraria o princípio de realidade, pois as pessoas nem sempre conseguem obter o prazer almejado, ou pelo menos nem sempre o obtém na intensidade que as satisfaça.

Esta busca pelo ideal de felicidade, segundo Fortes, é produto do pensamento utilitarista do século XIX, que prevaleceu no sistema capitalista em que vivemos, que utopicamente acreditava atingir ser possível atingir uma sociedade de bem-estar (FORTES, 2012, p.36-39).

Outra característica da sociedade na atualidade é o consumismo. Utilitarismo e consumismo mantém a lógica de que deve haver uma utilidade para tudo, que por sua vez pode ser compreendido em termos de consumo, relações de mercado 'compra e venda'. Através dessa lógica da utilidade, uma indagação vinda daqueles que procuram serviço de atendimento psicoterapêutico não poderia ser diferente: "de que serve ter contato com a perspectiva trágica da vida?"; "para quê gastar tempo (que virou sinônimo de dinheiro) para ter contato com a triste realidade humana?".

Para a economia, nada mais eficaz e vantajoso que se medique o sofrimento, pois assim vende-se em excesso, abafam-se as questões existenciais (e com isso a subjetividade!) e lucra-se muito com isso (ROSA e WINOGRAD, 2011). Vale considerar também que há várias alternativas para obtenção de prazer e esquecimento da dor que para além dos medicamentos: vide o assédio ao consumo de bens, coisas e serviços que através de cada propaganda vende o ideal de 'vida feliz' em cada oferta (FORTES, 2012, p.39-41).

É digno de nota que, esses novos ideais culturais produziram também um desleixo com tudo aquilo que não se relaciona com o prazer, a utilidade e o mercado. Vide a condição dos idosos, dos inválidos, dos miseráveis, etc. É como se eles não fizessem "parte do jogo" social, não servissem mais para os fins da sociedade pós-moderna, são os "estranhos" à sociedade de consumo (BAUMAN, 1998).

Considerações finais

Enquanto Freud e os filósofos trágicos mostram ao homem que a vida se dá para além do princípio de prazer, consistindo também nas intensidades do sofrimento e da dor, ao que nos parece, a pós-modernidade tem distanciado o homem dessa consciência trágica. O fato de colocar o mal-estar para “debaixo do tapete” não significa que ele foi eliminado ou diminuído. Pelo contrário, a sociedade pós-moderna fez aumentar o quadro da tragédia humana a partir do momento em que o ajuda o homem a se esquecer de que a dor é uma legítima experiência da vida e que sem ela não seria possível a experiência mais humana – que consiste na formação e nos esquemas do aparelho psíquico.

Ao contrário, acolhendo a dor com alegria, reconhecendo o seu potencial na transformação do sujeito, procurando com ele novas formas de conviver com sua finitude e desamparo, enfim, ao realizar sua ética trágica a clínica de psicanálise se apresenta também como um espaço de resistência diante da sociedade pós-moderna e do mal-estar que a vida nela resulta. Nisso consiste motivo suficiente para reafirmar a relevância da ciência e do discurso de Freud e suas perspectivas trágicas na atualidade.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BIRMAN, J. A dor na constituição do discurso freudiano. In: FORTES, I. *A dor psíquica*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012.
- BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e suas novas formas de subjetivação*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- CLACK, B. *Freud no divã*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- FORTES, I. *A dor psíquica*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012.
- FREUD, S. (1920). Além do princípio de prazer. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. (Vol. 18, p.11-75).

FREUD, S. (1937). Análise terminável e interminável. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. (Vol. 23, p.221-266).

FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. (Vol. 21, p.65-151).

FREUD, S. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. (Vol. 14, p.123-144).

FREUD, S. (1925[1924]). Um estudo autobiográfico. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. (Vol. 20, p.15-73).

NASIO, J.-D. *Introdução às Obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

NIETZSCHE, F. *A filosofia na era trágica dos gregos*. São Paulo: Hedra, 2008.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Porto Alegre: L&PM, 2015.

NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo*. Petrópolis: Vozes, 2014.

ROSA, B.; WINOGRAD, M. Palavras e pílulas: sobre a medicamentação do mal-estar psíquico na atualidade. *Psicologia & Sociedade*. Porto Alegre, n. 23, 2011, p.36-44.

SCHOPENHAUER, A. *As dores do mundo*. São Paulo: EDIPRO, 2014.